

A Morte de Ivan Ilich: onde Tolstói, Dostoiévski e Norbert Elias se encontram

Resumo: O artigo trata do tema da morte na novela de Tolstói, a partir de uma comparação com *O idiota*, de Dostoiévski, e com as teorias do sociólogo Norbert Elias.

Palavras-chave: ficção russa, morte, sociologia.

Abstract: This article considers the theme of death in Tolstoy's novella, through a comparison with Dostoevsky's *The Idiot* and the theories of the sociologist Norbert Elias.

Keywords: Russian fiction, death, sociology.

*Na manhã seguinte teria de levantar-se de novo, vestir-se,
ir ao tribunal, falar, escrever ou ficar em casa vinte e quatro horas
seguidas, cada uma das quais constituía um sofrimento.
E era-lhe mister viver sozinho à beira do precipício,
sem uma só pessoa que o compreendesse e dele se apiedasse¹.*

Esta solidão no sofrimento da personagem Ivan Ilich, de Tolstói, pode, a princípio, ser interpretada como a sina de alguém egoísta que acabou recebendo uma espécie de punição existencial por ter, durante toda a vida, procurado somente seus interesses. Assim, após ter tido uma existência sem dividir com as pessoas o que a vida lhe trazia de bom, agora ele também se vê – ironicamente e involuntariamente – impedido de dividir também aquilo que a vida traz de mal: o sofrimento oriundo de uma doença, para a qual a medicina da época não possuía um tratamento satisfatório e suficiente.

Esta seria uma possível interpretação da novela “A Morte de Ivan Ilich”, cujo trecho citado expressa bem este dilema existencial da personagem central. No entanto, o que pretendo realizar aqui é uma análise sociológica – ou, ao menos, dar início a ela já que, para realizá-la de maneira mais completa, seria necessário um espaço e tempo maior

para não somente me deter sobre os diferentes aspectos como, também, para realizar uma pesquisa mais demorada sobre outros materiais de pesquisa externos ao texto da novela propriamente.

Assim, dentro dos limites deste artigo, pretendo dar início à minha análise sociológica da maneira como dei início à análise realizada na minha tese de mestrado quando, então, me propus a analisar o romance *O Idiota* de Dostoiévski²: farei uma comparação entre o texto da novela *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, e o ensaio sociológico *A Solidão dos Moribundos* de Norbert Elias.

Como procurarei mostrar, esta análise propiciará uma interpretação que vai além das fronteiras da novela de Tolstói porque esta maneira individualizada (enclausurada e “encapsulada”, para usar um termo decorrente da teoria de Elias) de experimentar o sofrimento que antecede a morte é muito próprio da modernidade, ou seja, trata-se de uma forma que foi construída (e ensinada) socialmente a partir de um processo que se acentuou no século XIX – época em que Tolstói redigiu sua novela, problematizando, assim, os dilemas de uma sociedade em transição.

Sistemas seculares e sua crise

Logo no início do texto *A Solidão dos Moribundos*, Norbert Elias esclarece a razão pela qual a morte pode ser considerada como um tema sociológico:

Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. É variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida³.

Assim, se a morte é um fato inevitável na vida de cada indivíduo, por outro lado, a maneira de experimentá-la, ou seja, de encarar os fatos que a antecedem e sucedem-na varia não somente de sociedade para sociedade como, também, dentro dos diferentes grupos que formam cada sociedade.

Curiosamente, em seu ensaio, Norbert Elias cita um texto de Tolstói para ilustrar seus argumentos: *Amo e Criado*. No entanto, nesta novela, os dois personagens encontravam-se isolados no meio da neve. Já em *A Morte de Ivan Ilitch*, há toda uma comunidade de amigos, parentes e criados que, à sua maneira, acompanham não somente a morte de Ivan como, também, o processo de sua doença até, inclusive, o momento do velório. Portanto, a meu ver, trata-se de uma narrativa mais rica e adequada para ilustrar as reflexões sociológicas de Norbert

Elias, pois se, como este disse, a experiência de vivenciar a morte é variável para cada sociedade, o que Tolstói nos oferece, em *"A Morte de Ivan Ilitch"*, é uma fotografia da maneira como determinados grupos a vivenciam no final do século XIX.

Que grupos sociais são estes? Logo no primeiro parágrafo da novela, Tolstói responde a esta questão mostrando uma conversa entre os magistrados do poder legislativo. Trata-se dos colegas de trabalho de Ivan Ilitch, que, ao receberem a notícia da sua morte, começam imediatamente a pensar sobre o reflexo que ela teria sobre suas próprias promoções, pois, agora, uma vaga estaria livre na burocracia estatal. Com isso, Tolstói sintetiza imediatamente a maneira como um determinado grupo social encara a morte. E não se trata de um grupo social periférico, pois esta burocracia estatal era o principal destino daqueles que tinham acesso às melhores faculdades da época – como, inclusive, foi o caso de Dostoiévski, embora este tenha renunciado a esta carreira para se dedicar à literatura.

Mas, embora este grupo – e sua experiência diante da morte – seja predominante na novela de Tolstói, há ainda um segundo grupo que ganha relevância (apesar de ter uma participação secundária) devido à oposição que faz ao sistema secular de crença presente no grupo social a que Ivan Ilitch pertence. Trata-se do grupo social dos camponeses, ou seja, do grupo representante das "raízes russas" que, na novela, é representado pelo criado Guerássim. Aliás, é este aspecto da crença que Norbert Elias apresenta como um dos principais fatores de diferenciação da experiência social da morte nas sociedades:

Nas sociedades mais desenvolvidas, como disse, a busca de ajuda em *sistemas de crenças sobrenaturais* contra o perigo e a morte se tornou menos apaixonada; em certa medida, transferiu sua base para *sistemas seculares de crenças*⁴. (grifo meu)

Dostoiévski diria que essas "crenças sobrenaturais", presentes no camponês russo (estrato social de origem do criado Guerássim), eram essencialmente cristãs, mas, em *A Morte de Ivan Ilitch*, é difícil identificar não somente a origem desta crença como, também, a maneira como ela influencia o jeito de agir de Guerássim. Não há evidências, apenas uma distinção muito marcada em relação ao grupo social em destaque na novela.

Ainda tratarei mais detalhadamente dessas diferenças, logo mais adiante. Para o momento, então, importa destacar que, embora possa existir uma diferença entre a Rússia do século XIX e o que Norbert Elias

chamou de “sociedades mais desenvolvidas”, o fato é que a sociedade russa daquele tempo – e particularmente as classes “mais elevadas”, como a dos magistrados – eram os principais portadores das tendências sociais modernizantes presentes no país. Assim, pertencendo a um período histórico de transição social, Tolstói está, nesta novela, retratando não somente as dificuldades desta transição como, também, está contrapondo a maneira “moderna” com a maneira “tradicional” de experimentar a morte na sociedade.

Como diz Norbert Elias, no trecho anteriormente citado, uma das características das “sociedades desenvolvidas” é a de transferir a busca de ajuda, para enfrentar a morte, das crenças sobrenaturais para os “sistemas seculares de crença”. E uma das bases desse sistema secular, além da pacificação das sociedades e do conseqüente aumento da expectativa de vida, é a prevenção e o tratamento das doenças. Muito embora, completa Elias: “É claro que, vista mais de perto, a situação revela quão tênue ainda é a segurança do indivíduo neste mundo”⁵.

E é justamente isso o que Tolstói mostra em sua novela quando seu protagonista, que levava uma vida tranqüila, de repente se vê enfermo e começa a recorrer a uma dessas bases dos novos mecanismos seculares, disponíveis nas “sociedades mais desenvolvidas”, para o enfrentamento da morte: a medicina.

(...) Praskóvia Fiodorovna [a esposa] disse-lhe que devia submeter-se a tratamento e aconselhou-lhe consultar um médico célebre. Ivan Ilitch foi, pois, à casa do médico. Tudo ocorreu como esperava, isto é, como sempre acontece: a espera, o ar de importância afetada do médico, que Ivan Ilitch conhecia tão bem; a auscultação, as perguntas que exigiam de antemão umas respostas determinadas e evidentemente inúteis, assim como a expressão significativa que parecia dizer que bastava a pessoa submeter-se para que tudo ficasse resolvido, que ele tinha um meio de arranjar as coisas, sempre do mesmo modo, para qualquer pessoa que se apresentasse... Tudo era exatamente igual ao que ocorria no Palácio da Justiça. A mesma atitude que Ilitch adotava perante os acusados era adotada pelo doutor para com ele⁶.

A crença nos sistemas seculares pode ser, nesta citação, observada quando a esposa, Praskóvia Fiodorovna, recomenda que Ivan consulte um “médico célebre”. De fato, como já foi observado por Norbert Elias, a medicina – devido à precária qualidade na prestação do serviço público – pode, ainda hoje em dia, enfraquecer consideravelmente a crença neste sistema secular de enfrentamento da morte. Mas, no caso de Ivan Ilitch, sua posição social lhe permite consultar um médico célebre que

saberia, a princípio, propiciar a cura para sua enfermidade. Portanto, trata-se de uma situação onde esta “crença secular” e moderna poderia ter lugar. A propósito, dado o “ar de importância afetada do médico” parece que até mesmo este possui a crença em questão. Mais tarde, inclusive, poderá se verificar a mesma crença presente na esposa:

(...) sua mulher adotara certa atitude a respeito de sua doença e observava-a independentemente do que ele dissesse ou fizesse.

- Sabem que Ivan Ilitch não pode submeter-se rigorosamente a um tratamento, como qualquer outra pessoa o faria? - dizia ela a seus conhecidos. - Hoje toma as gotas, como o que lhe foi determinado e deita-se à hora certa; mas amanhã, se eu não estiver alerta, esquecer-se-á de tomar o remédio, comerá esturjão, que lhe foi proibido, e ficará jogando whist até à uma da madrugada.

No entanto, ao notar a semelhança entre a impessoalidade do atendimento médico e do trabalho que o próprio Ivan Ilitch desempenhava no Palácio de Justiça, este deduziu que seu estado era bastante grave, mas, por outro lado, sabia também que isso pouco importava ao médico. Inicia-se, assim, o enfraquecimento da crença neste “sistema secular”. No entanto, Ivan Ilitch, talvez ainda por acreditar neste mecanismo de enfrentamento da morte, resolve consultar as opiniões de outros médicos:

“Naquele mesmo mês foi consultar outro médico eminente. Este lhe disse quase a mesma coisa que o primeiro, embora colocasse a questão de outro modo. Seu pronunciamento não fez mais do que aumentar as dúvidas e o temor de Ivan Ilitch. Um amigo de um colega seu - bom médico - diagnosticou sua enfermidade de forma completamente diferente. Embora fosse de opinião que se curaria, só conseguiu conduzi-lo a confusão e dúvidas maiores do que antes, por meio de suas perguntas e de suas hipóteses. Já o médico homeopata se manifestou de maneira diversa; deu a Ivan um remédio, que este tomava às escondidas, fazia já uma semana. Mas, não sentindo alívio algum, veio Ilitch a perder a confiança tanto nos medicamentos anteriores como no novo e caiu em grande prostração⁷.

Como se vê, embora Ivan Ilitch tivesse condições financeiras para consultar médicos eminentes, as diferentes opiniões desses médicos acabam deixando-o confuso - como, aliás, acontece ainda nos dias de hoje. Mas, o fato é que, não sentindo alívio algum, ele cai em prostração chegando, inclusive, ao ponto de pensar em abdicar desta crença nos “sistemas seculares” para voltar-se para um “sistema sobrenatural” - muito embora tenha logo repellido esta perspectiva:

Um dia, uma senhora conhecida relatou uma cura devida a umas imagens. Ivan Ilitch notou, de súbito, que ouvia com atenção e tratava de comprovar a verossimelhança daquele fato. Assustou-se com aquilo. “Será possível que minhas faculdades mentais hajam enfraquecido tanto? – disse a si mesmo. – Isto é absurdo. São tolices. Não devemos deixar-nos levar pelas dúvidas. É preciso escolher um médico e seguir suas prescrições. E é o que vou fazer. Acabou-se!”⁸

Portanto, embora Ivan tenha sido “tentado” a adotar o sistema tradicional/sobrenatural para combater a morte, ele logo desperta para o absurdo da situação. Sociologicamente, isto é bastante interessante porque mostra a incompatibilidade da “maneira moderna” de se viver com a ideologia de uma formação social anterior. Obviamente, esses dois sistemas diferentes e opostos – de enfrentamento da morte – podem coexistir numa fase de transição social e até mesmo depois. Contudo, Ivan Ilitch pertencia ao grupo social onde as tendências “modernizantes” encontravam-se mais presentes. Trata-se, enfim, da verificação do seguinte argumento apresentado por Norbert Elias:

Parece que a adesão a crenças no outro mundo que prometem proteção metafísica contra os golpes do destino, e acima de tudo contra a transitoriedade pessoal, é mais apaixonada naquelas classes e grupos cujas vidas são mais incertas e menos controláveis. Mas, em termos gerais, nas sociedades desenvolvidas os perigos que ameaçam as pessoas, particularmente o da morte, são mais previsíveis, ao mesmo tempo em que diminui a necessidade de poderes protetores supra-humanos⁹.

Ivan Ilitch, portanto, pertencia a este grupo social onde as ameaças e os perigos são mais previsíveis e onde a vida é experimentada com relativa tranquilidade¹⁰. Tranquilidade esta abalada pela presença de uma surpreendente e fatal doença. Neste sentido, há ainda outros dois encontros, com médicos eminentes, que merecem ser destacados. No primeiro desses, Ivan já havia “perdido a fé” neste sistema secular – julgando que isto se constituía numa grande mentira:

Ivan Ilitch *sabia perfeitamente que tudo aquilo não passava de absurdos e de enganos, mas, quando o médico se pôs de joelhos e, aplicando-lhe o ouvido sobre o peito, ora mais em cima, ora mais abaixo, adotou um ar importantíssimo e realizou por cima dele uma série de movimentos ginásticos, o doente submeteu-se a isso da mesma forma pela qual se submetia aos discursos dos advogados, mesmo quando sabia que mentiam e conhecia as razões de suas mentiras*¹¹. (grifo meu)

O interessante, aqui, é que, mesmo acreditando que a afetação do médico não passava de uma grande mentira que todos estão lhe contando (a de que ele pode sobreviver à doença), Ivan se submete ao seu papel de paciente – assim como o médico assume o seu papel de profissional importante, e a esposa o papel de fiel vigilante da dieta e receita dos medicamentos que o seu marido deve tomar.

Mas, há uma última passagem na novela, que mostra um súbito renascer da crença secular de Ivan Ilitch: quando sua esposa, não poupando economias, chama um “médico eminente” para examinar seu caso juntamente com o médico que já lhe tratava. A princípio, Ivan mostra-se igualmente céptico. Porém, depois, parece rever sua posição:

O médico célebre se despediu, com ar grave, mas não desesperançado. Quando Ivan Ilitch, timidamente, lhe perguntou se havia possibilidade de cura, erguendo para ele os olhos brilhantes de medo e de esperança, o doutor replicou que não podia assegurar nada, mas que havia alguma probabilidade. O olhar cheio de esperança com que o doente acompanhou o médico foi tão lastimoso que Praskóvia Fiodorovna verteu umas lágrimas ao sair do aposento para pagar os honorários ao famoso doutor¹².

Essas lágrimas, derramadas pela esposa diante do repentino olhar de esperança do marido, são bastante enigmáticas pois o narrador não faz nenhum comentário sobre o seu significado. Teriam elas significado que a própria esposa tinha consciência de que tudo era realmente uma grande mentira e que, portanto, todos os gastos com os médicos não passavam de paliativos e convenções sociais? Pela narrativa não é possível saber, mas, a julgar pelo estado de satisfação da esposa, com a perspectiva de ir ao teatro naquela mesma noite, seria razoável pensar que nenhuma mudança substancial ocorrera em suas convicções interiores. Assim, parece que ela realmente tinha consciência de que a cura e o restabelecimento do marido era realmente uma mentira socialmente aceita e estabelecida, ou seja, algo que fazia parte da maneira de proceder junto ao moribundo.

Já com Ivan, o surgimento da esperança de cura durou pouco pois, logo depois do médico eminente sair, as dores voltaram. A partir de então, nenhum médico lhe daria mais alívio ou esperança. Curiosamente, a última esperança que experimentou veio de um resquício do “sistema sobrenatural” para se enfrentar a morte – não necessariamente da crença neste sistema mas, sim, da presença de um ritual tradicional.

Quando o sacerdote chegou e Ivan Ilitch se confessou, dulcificou-se, acreditou sentir-se aliviado a respeito de suas dúvidas e, portanto, de seus sofrimentos. Invadiu-o uma esperança passageira. De novo começou a pensar no ceco e na possibilidade de curar-se. Comungou com lágrimas nos olhos.

Depois que o deitaram, após a comunhão, por um momento sentiu-se bem; e novamente renasceu a esperança de viver. Meditou sobre uma operação que lhe haviam proposto. “Viver, quero viver”, dizia a si mesmo. A mulher veio felicitá-lo¹³. (...)

Curioso é notar, no trecho acima, que embora a comunhão ao moribundo seja um ritual da igreja cristã, e pode, portanto, ser interpretado como parte do sistema de crença sobrenatural, a participação, nele, em vez de criar esperança numa vida além da morte (ou ao menos, num consolo para quem está morrendo) o que se tem é um curioso fortalecimento da crença no sistema secular para se enfrentar a morte: “sobre uma operação que lhe haviam proposto” – diz o trecho anterior. Portanto, mais uma vez, Tolstói ressalta a incompatibilidade entre as antigas crenças e a nova maneira “moderna” de se viver, ou melhor dizendo, morrer.

Paradoxalmente, é a lembrança deste estilo de vida que desperta Ivan deste “estado de graça”, promovido pela comunhão, para um sentimento de ódio e revolta causado pela consciência de que tudo que “*tem constituído e constitui tua vida é mentira e engano*”¹⁴. A partir de então, Ivan entra nas suas últimas horas, num estado final de desespero e dor, até finalmente expirar.

A Mentira Social

Esta “mentira”, cuja consciência foi responsável por tirar Ivan Ilitch do sentimento de alívio para lhe despertar para o ódio e desespero final da sua vida, não foi algo repentino mas, sim, uma descoberta gradual que ele foi realizando ao longo de sua doença.

A mentira, aquela mentira adotada por todos, de que ele apenas estava doente, mas não para morrer, e de que bastava que ficasse tranqüilo e se cuidasse para que tudo se arranjasse bem, constituía o tormento principal de Ivan Ilitch. Sabia que, por mais coisas que fizesse, nada se obteria além de sofrimentos ainda maiores e da morte. Atormentava-o o fato de ninguém querer reconhecer o que todos sabiam, até ele mesmo; de quererem continuar mentindo a respeito de sua terrível situação e de o obrigarem a tomar parte em tal mentira.¹⁵

Tolstói revela, aqui, um fato social muito curioso, pois seria impraticável que todos formassem uma espécie de complô combinando, previamente, a mentira que adotariam diante do doente Ivan Ilitch. Trata-se, portanto, de algo que só pode ser explicado segundo o preceito sociológico da “convenção social”, ou seja, trata-se de uma postura que é socialmente aprendida e praticada, alinhando-se, assim, com o pressuposto teórico de Norbert Elias cuja citação foi mencionada no início deste artigo, e, repito, a seguir, apenas para reforçar o pressuposto sociológico do tema em questão:

Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. É variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: *foi aprendida*¹⁶. (grifo meu)

O texto de Norbert Elias ajuda a compreender melhor ainda esta mentira coletiva presente na novela de Tolstói. Elias diz que é comum, nas sociedades desenvolvidas, os indivíduos negarem a morte – e, conseqüentemente, o contato e afeição aos moribundos justamente no momento em que estes mais precisam:

Aqui encontramos, sob forma extrema, um dos problemas mais gerais de nossa época – nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. *A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a idéia de sua própria morte.*¹⁷ (grifo meu)

Norbert Elias diz ainda que, por trás dessa necessidade opressiva de acreditar na própria imortalidade, e da negação da inevitável morte de cada um, encontram-se fortes sentimentos de culpa recalcados – como, por exemplo, o desejo de morte por outrem e o medo de que os outros lhe desejem a própria morte. Esta, inclusive, seria uma teoria razoável para explicar por que os colegas de trabalho e profissão tanto negaram o contato com Ivan Ilitch mas que, ao receber a notícia de sua morte, logo começaram a pensar no reflexo positivo daquele fato para suas próprias carreiras:

Excetuadas as reflexões sobre possíveis nomeações e alterações no serviço, como conseqüência desse falecimento, o fato propriamente dito da morte de um conhecido provocou em quantos receberam a notícia, *tal como sempre ocorre, um sentimento de alegria, por haver morrido outro, e não eles*¹⁸.”

Como se pode ver, neste trecho, o sentimento que inunda os colegas de trabalho de Ivan, ao saber de sua morte, não é o de tristeza, mas sim o de alegria “por haver morrido outro, e não eles”. Curioso, sobretudo, é notar que o narrador diz que esta reação, longe de ser algo muito particular, acontecia freqüentemente: “tal como sempre ocorre”.

Um desses colegas de trabalho, inclusive, confessa que não lhe tinha visitado há muito tempo: “cada vez ia adiantando a minha visita¹⁹”. Depois, dois colegas vão até o velório, mas somente para cumprir uma convenção social, pois o que eles queriam mesmo era sair de lá a tempo para reunirem-se, com outros amigos, a fim de jogar uma partida de whist. Neste velório, inclusive, um dos colegas de Ivan cumpre as formalidades de cumprimentar a viúva e expressar um suspiro de lamento. A viúva, por outro lado, embora cumprisse o seu papel, de esposa que lamenta a perda do marido, mostrou-se muito interessada em saber como obter o máximo possível de rendimentos do Estado por ocasião da morte de seu marido. Esses comportamentos após a morte de Ivan refletem, na verdade, o tipo de atitude que ele recebeu durante sua época de padecimento: uma postura de incompreensão que fortalecia, neste moribundo, o sentimento de solidão.

Alguma coisa horrível, nova, importante como nunca lhe havia acontecido, estava-se realizando dentro de seu ser. E era ele o único a saber disso; os que o rodeavam *não o compreendiam, nem queriam compreendê-lo*, e pensavam que tudo continuava como sempre. *Era isso o que mais fazia Ivan Ilitch sofrer*. Sua família, principalmente a mulher e a filha, que se entregavam por inteiro à vida social, não entendiam nada e se irritavam porque Ivan Ilitch estava sempre de mau humor e se mostrava exigente, como se fosse culpado por isso²⁰.
(grifo meu)

Note-se que não se trata aqui de uma mera incompreensão casual, pois o narrador diz, explicitamente, que as pessoas que rodeavam Ilitch “não queriam compreender” a sua situação. Há, no texto da novela, inúmeros exemplos da manifestação desta postura. Mas, talvez, um seja suficiente para ilustrar bem a postura de falta de afeição da filha²¹ e da esposa²² junto a Ivan Ilitch:

Ao [Ivan] regressar à casa, começou a contar à mulher o que o médico lhe dissera. Mas, quando estava na metade do relato, entrou a filha, de chapéu: preparara-se para sair com Praskóvia Fiodorovna. *Fez um esforço para sentar-se e escutar as palavras aborrecidas de Ivan Ilitch, mas não as pôde suportar até ao fim, nem também a mãe, que disse:*

- Bom, fico muito satisfeita. Agora, debes ter cuidado e tomar os remédios com toda a regularidade. Dá-me a receita; vou mandar Guerássim à farmácia. E foi mudar de roupa²³. (grifo meu)

Assim, todos pareciam não compreender a sua situação - com exceção, porém, de duas pessoas: o filho e Guerássim.

Atrás dele deslizou imperceptivelmente o filho de Ivan Ilitch, com o uniforme novo e de luvas. Tinha grandes olheiras, cujo motivo Ivan sabia. Sempre sentia pena do filho. Afligia-o ver-lhe o olhar assustado e cheio de simpatia. Cria que, excetuado Guerássim, era o único que o entendia e *tinha compaixão por ele*²⁴. (grifo meu)

Não consegui identificar, no texto da novela, a idade do filho de Ivan Ilitch. Mas, é bem possível que ele fosse muito novo para propiciar ao pai algum tipo de alívio para o seu sofrimento - tanto que não se observa nenhum discurso deste filho em toda a novela. De qualquer maneira, o último gesto de afeição que Ivan recebe antes de morrer vem deste filho que, uma hora antes da morte do pai, lhe toma uma das mãos e leva até os lábios começando, em seguida, a chorar²⁵.

Já Guerássim é o criado que propiciou a Ivan o alívio e compaixão que ele ansiava receber dos demais. Guerássim, de origem camponesa é, portanto, representante daquele sistema de crença que se opõe aos "sistemas seculares" modernos - o que pode ser observado ainda no início da novela, quando um colega de trabalho de Ivan Ilitch o encontra no velório:

- Então, Guerássim? Estás pesaroso? - exclamou *Piotre Ivanovitch*, para dizer alguma coisa.

- Foi a vontade de Deus. Todos teremos de chegar a isso - disse o criado, deixando à mostra os dentes brancos e cerrados de camponês²⁶. (...)

Como se pode verificar, nesta citação, Guerássim, com exceção do próprio Ivan Ilitch, é o único que não nega o fato da morte. E o faz não só naquele momento no velório mas também antes, durante o padecimento de Ivan, chegando, inclusive, a reconhecer o fato diante do patrão. Talvez justamente por reconhecer a gravidade da doença, Guerássim sacrificava-se a si próprio em troca do bem-estar de Ivan. Porém, mais do que isso, o narrador diz que Guerássim fazia isso por compadecer-se da situação de Ivan, o que representava um alívio para o sofrimento do moribundo:

[Ivan] Via que ninguém se *apiedaria* dele, porque ninguém podia sequer *compreender* sua situação. O único que o *entendia e se compadecia* dele era Guerássim. Por isso, Ivan Ilitch só se sentia à vontade na companhia dele. Sentia-se bem quando Guerássim passava a noite inteira a segurar-lhe as pernas e não consentia em ir dormir, dizendo: “Faça o favor de não se preocupar, Ivan Ilitch. Depois eu terei tempo de descansar”. Ou também quando, sem mais nem menos, começava a tratá-lo por tu e lhe dizia: “Se não estivesse doente... Mas, estando, como não hei de servir-te?” *O único que não mentia era Guerássim*. Por todos os sinais, era evidente que só ele *compreendia* o que se passava, que não considerava necessário escondê-lo e que *sentia compaixão* pelo amo, esgotado e débil. Uma vez em que Ivan Ilitch instava com ele para que fosse descansar, chegou a dizer, cruamente:

– *Todos nós temos de morrer um dia. Como poderei deixar de servi-lo agora?*²⁷ (grifo meu)

Portanto, apesar do filho também compreender o sofrimento de Ivan Ilitch e de manifestar a sua afeição através do olhar e através do gesto pelo qual leva as mãos do seu pai ao rosto, nos últimos momentos de vida deste, Guerássim é quem efetivamente irá exercitar a sua afeição por um tempo prolongado e de maneira dedicada. Pode-se, enfim, dizer que ele é o principal representante do sistema tradicional de se experimentar a morte – e não é de se estranhar que ele seja, também, de origem camponesa, pois sabemos da desconfiança com que Tolstói olhava para o “processo civilizatório”, isto é, ocidentalizante, de seu país.

Tolstói parece estar querendo dizer, dentre outras coisas, que a despeito de qualquer progresso ou promessa de desenvolvimento propiciado pelas tendências modernizantes do seu país, a maneira de experimentar a morte, nesta nova ordem social, era não somente insuficiente como cruel para quem está se despedindo da vida; e que, sob este aspecto, a maneira tradicional presente no campesinato – representante então do estilo de vida próprio de seu país – é ainda o mais satisfatório e humano.

Ecos de Dostoiévski

Quando, em minha tese de mestrado, fiz a análise do romance *O Idiota* de Dostoiévski, pude verificar a centralidade do sentimento de compaixão na proposta que o autor fazia para o seu tempo: a de uma ética do amor-compaixão (guiada pela convicção na importância deste valor moral) em oposição à proposta ética que era defendida por Tchernichévski e os niilistas (guiada pelos fins a serem alcançados) e que recebeu o nome de “egoísmo utilitário”.

No final de meu trabalho de pesquisa, deparei-me com um artigo que sugeria ecos do pensamento de Tolstói no romance de Dostoiévski – sobretudo no que se refere ao aspecto educativo das crianças: “The Return of Nature: Tolstoyan Echoes in The Idiot”²⁸

Perguntei-me, então, nas considerações finais de minha tese, se não seria possível encontrar também ecos do pensamento de Dostoiévski, expressos no romance *O Idiota*, em obras futuras de Tolstói. A Morte de Ivan Ilitch parece possuir indícios sobre a pertinência desta hipótese, pois, ao longo de toda a novela, se verifica a centralidade do sentimento de compaixão – embora “às avessas”, ou seja, ele ganha relevância justamente por ser algo que não se encontra mais na sociedade:

Além daquela mentira, ou talvez por causa dela, o mais doloroso para Ivan Ilitch era que ninguém se compadecesse dele tanto quanto quisera. Em certos momentos, depois de haver sofrido prolongadas dores, desejava – embora se envergonhasse em reconhecê-lo – que se apiedassem dele como de uma criança doente²⁹.

Como se vê, “o mais doloroso” no sofrimento pelo qual Ivan Ilitch passava era justamente a ausência de compaixão nas pessoas que o rodeavam. É como se ele vivesse numa sociedade onde a ética proposta por Tchernichévski tivesse prevalecido em detrimento daquela de Dostoiévski – proposta pouco menos de vinte anos antes da redação de novela de Tolstói.

Neste sentido, parece que realmente existe, nesta novela de Tolstói, ecos do romance *O Idiota* pois a idéia de compaixão é central em ambos os textos. Resta, porém, realizar um estudo mais aprofundado sobre a diferença (etimológica ou, talvez, contextual para os respectivos autores) entre as palavras *jálosti* e *sostradanie*, pois, enquanto se verifica a existência de ambas em “*O Idiota*”, na novela de Tolstói se utiliza apenas a primeira.

De qualquer maneira, o vínculo entre as duas obras existe e Tolstói parece retomar o tema da compaixão de modo até didático ao expor seus aspectos práticos – como é o caso da citação a seguir:

(...) O único que não mentia era Guerássim. Por todos os sinais, era evidente que só ele compreendia o que se passava, que não considerava necessário escondê-lo e que *sentia compaixão* pelo amo, esgotado e débil.³⁰ (grifo meu)

Assim, junto ao sentimento de compaixão, está também:

- a compreensão da situação grave em que o moribundo se encontrava: “por todos os sinais, era evidente que só ele compreendia o que se passava”;
- e a predisposição em não mentir a respeito da sua realidade: “que não considerava necessário escondê-lo”;

Portanto, parece mesmo que Tolstói retomou e reelaborou a proposta ética de Dostoiévski. E não somente no plano ideológico como, também, no artístico, pois, se em *O Idiota* a proposta de compaixão não se realiza no processo dialógico do romance, ao ser conduzida pelo portador da idéia (Mickhin), em *A Morte de Ivan Ilich* ela se realiza justamente por estar ausente. E esta ausência cria um grande vazio no qual seu protagonista (e também o leitor) se debate em uma náusea solitária e vã.

Notas

1. TOLSTÓI, Leão. *A Morte de Ivan Ilich* in “*Leão Tolstói: Obra Completa em três volumes*”. (tradução de Milton Amado). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, terceira edição, 1993. (primeira edição, 1961). Página 929.
2. FAUSTINO, Jean Carlo. “*A Ética do Amor em Dostoiévski: análise sociológica do romance “O Idiota”*”. Tese de Mestrado. FFLCH/UNICAMP, 2004.
3. ELIAS, Norbert. “*A Solidão dos Moribundos*” in “*A Solidão dos Moribundos seguido de “Envelhecer e morrer”*”. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Página 11
4. ELIAS, op. cit., página 13.
5. ELIAS, op. cit., página 14.
6. TOLSTOI, op. cit., página 924.
7. TOLSTÓI, op. cit., página 927.
8. TOLSTÓI, op. cit., página 927.
9. ELIAS, op. cit., páginas 14 e 15.
10. “Mas, em geral, sua existência decorria de acordo com suas crenças: era fácil, agradável e correta.” TOLSTÓI, op. cit., página 922.
11. TOLSTÓI, op. cit., página 939.
12. TOLSTÓI, op. cit., página 940. Texto original: “Знаменитый доктор простился с серьезным, но не с безнадежным видом. И на робкий вопрос, который с поднятыми к нему блестящими страхом и надеждой глазами обратил Иван Ильич, есть ли возможность выздоровления, отвечал, что ручаться нельзя, но возможность есть. Взгляд надежды, с которым Иван Ильич проводил доктора, был так жалок, что, увидав его, Прасковья Федоровна даже заплакала, выходя из дверей кабинета, чтобы передать гонорар знаменитому доктору.” <http://www.magister.msk.ru/library/tolstoy/prosa/tolsl020.htm>
13. TOLSTÓI, op. cit., página 947.

14. TOLSTÓI, op. cit., página 947.
15. TOLSTÓI, op. cit., página 936. Texto original: “Главное мучение Ивана Ильича была ложь, - та, всеми почему-то признанная ложь, что он только болен, а не умирает, и что ему надо только быть спокойным и лечиться, и тогда что-то выйдет очень хорошее. Он же знал, что, что бы ни делали, ничего не выйдет, кроме еще более мучительных страданий и смерти. И его мучила эта ложь, мучило то, что не хотели признаться в том, что все знали и он знал, а хотели лгать над ним по случаю ужасного его положения и хотели и заставляли его самого принимать участие в этой лжи.” <http://www.magister.msk.ru/library/tolstoy/prosa/tolsl020.htm>.
16. ELIAS, op. cit., página 11.
17. ELIAS, op. cit., páginas 16 e 17.
18. TOLSTÓI, op. cit., página 907.
19. TOLSTÓI, op. cit., página 907.
20. TOLSTÓI, op. cit., página 927.
21. “Liza era jovem, forte, estava visivelmente enamorada e renegava a enfermidade, o sofrimento e a morte que impediam sua felicidade.” TOLSTÓI, op. cit., página 941.
22. “Praskóvia Fiodorovna entra no quarto satisfeita consigo mesma, mas como culpada de alguma coisa. Sentou-se um instante e perguntou ao marido como estava passando. Ivan Ilitch percebeu que ela o fazia tão-só por perguntar, e não para inteirar-se de seu estado.” TOLSTÓI, op. cit., página 940.
23. TOLSTÓI, op. cit., páginas 925 e 926.
24. TOLSTÓI, op. cit., página 941. Texto original: “За ним вполз незаметно и гимназистик в новеньком мундирчике, бедняжка, в перчатках и с ужасной синевой под глазами, значение которой знал Иван Ильич. \ Сыновья всегда жалок были ему. И страшен был его испуганный и соболезнующий взгляд. Кроме Герасима, Ивану Ильичу казалось, что один Вася понимал и жалел.” <http://www.magister.msk.ru/library/tolstoy/prosa/tolsl020.htm>
25. TOLSTÓI, op. cit., página 948.
26. TOLSTÓI, op. cit., página 912.
27. TOLSTÓI, op. cit., página 936. Texto original: “он видел, что никто не пожалеет его, потому что никто не хочет даже понимать его положения. Один только Герасим понимал это положение и жалел его. И потому Ивану Ильичу хорошо было только с Герасимом. Ему хорошо было, когда Герасим, иногда целые ночи напролет, держал его ноги и не хотел уходить спать, говоря: “Вы не извольте беспокоиться, Иван Ильич, выплось еще”; или когда он вдруг, переходя на “ты”, прибавлял: “Кабы ты не больной, а то отчего же не послужить?” Один Герасим не лгал, по всему видно было, что он один понимал, в чем дело, и не считал нужным скрывать этого, и просто жалел исчахшего, слабого барина. Он даже раз прямо сказал, когда Иван Ильич отсылал его: \ - Все умирать будем. Отчего же не потрудиться?”. <http://www.magister.msk.ru/library/tolstoy/prosa/tolsl020.htm>
28. ORWIN, Donna. “The Return to Nature: Tolstoyan Echoes in *The Idiot*”. *The Russian Review*, 58 (January 1999), 87-102.
29. TOLSTOI, op. cit., páginas 936 e 937.
30. TOLSTÓI, op. cit., página 936. Texto original: “Один Герасим не лгал, по всему видно было, что он один понимал, в чем дело, и не считал нужным скрывать этого, и просто жалел исчахшего, слабого барина.” <http://www.magister.msk.ru/library/tolstoy/prosa/tolsl020.htm>.

